

Maurício Vasconcelos

Superando Limites com fé



Superando Limites com fé

Maurício Vasconcelos

Superando Limites com fé



Rio de Janeiro
2021



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade todo do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contida e declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Superando limites com fé

Copyright © 2021

Maurício Vasconcelos

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

*Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro*

Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa

Pixaby.com

Arte de Capa:

Maria Eduarda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V445s

Vasconcelos, José Maurício de
Superando limites com fé / José Maurício de Vasconcelos. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Pod, 2021.

60 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86147-90-2

1. Homens – Biografia – Ficção. 2. Vida Cristã. I. Título.

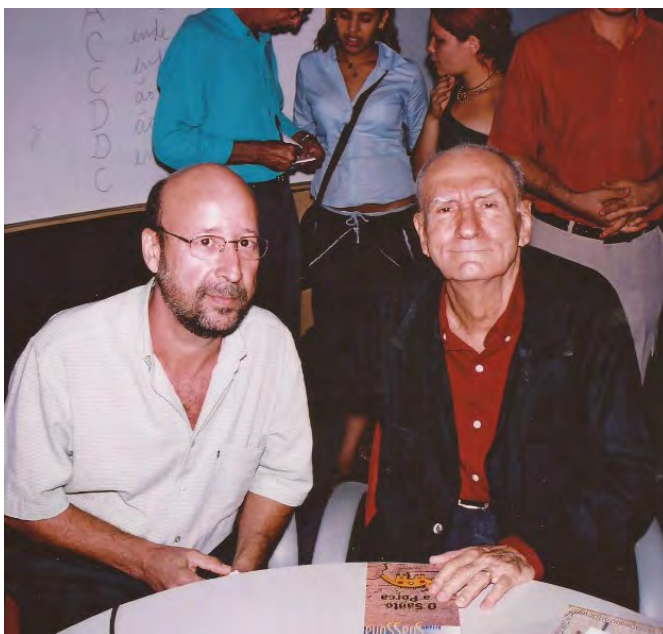
21- 68805

CDD: 920.71

CDU: 929-055.1

21.01.2021

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135



Maurício recebendo um livro autografado do escritor Ariano Suassuna, após uma palestra na UNIVERSO, onde estudava DIREITO, seu escritor preferido e admirado pelo estilo bem-humorado de escrever e dar palestras.

Sr. Marcelo era um homem pacato, muito trabalhador, nascido de uma família humilde de cinco filhos no interior de Pernambuco, onde se criou e estudou sempre em escolas públicas. Ele sofreu bastante, pois havia nascido com um defeito genético, era estrábico, e os colegas sempre faziam chacotas, o que hoje se chama de bullying, eles diziam, "olha o zarolho. tais olhando para aqui ou pra ali", e o chamavam de instalação trocada, entre outros adjetivos. Porém, sempre gostou muito de ler e fazer amizades, começou a trabalhar muito cedo e inicialmente trabalhou em um mercado público, conhecido como Mercado da Farinha. Nesta época, aos 14 anos, o seu trabalho era atender os clientes, fazendo a medição do pedido que era recebido, aliás, "gritados" pelos clientes do Sr. Joca, o dono do negócio. Neste período, o ano era mais ou menos em 1970, e a farinha de mandioca era um alimento muito consumido e vendido por cuia, que era uma medida de madeira quadrada medindo uns 40 cm. Logo, os clientes gritavam: "meia cuia de farinha pra mim", enquanto outros "eu quero uma cuia". E assim por diante. O trabalho do Sr. Marcelo era colocar as medidas de acordo com os pedidos.

Aos 18 anos, conseguiu um emprego em uma fábrica de sorvetes, mais ou menos perto da cidade onde morava, mas seu trabalho não era também tão fácil, pois ele tinha que ficar dentro de uma câmara frigorífica congelada, mais ou menos a 25° abaixo de zero. Ali era recebido o sorvete pronto que vinha numa esteira saindo da produção, e, em seguida, entrava na câmara. O trabalho consistia em fazer a contagem e separar por sabor.

Apesar do trabalho ser desgastante e muito pesado, pois

também tinha que carregar e descarregar os caminhões que chegavam na expedição, ele era determinado. No final do expediente, ainda pegava dois ônibus para frequentar colégio, onde estudava e saía às 22h, e, às vezes, 22h30m para poder ir embora para sua casa. Mas ele não podia abrir mão desse trabalho, pois seu pai, o Sr. Fernando, trabalhava como auxiliar de serviços no Departamento de Saneamento do Estado e ganhava um pouco mais que um salário-mínimo para sustentar os cinco filhos e a esposa, uma senhora dona de casa, muito dedicada. Ela, além dos trabalhos domésticos, fazia costuras por encomenda. Portanto, infelizmente ainda tinha o agravante que o Sr. Fernando fumava muito, logo, no cigarro ia uma parte da renda. Dona Nadir, sua esposa, não parava de se queixar, e, de vez em quando, o casal brigava por este motivo.

A casa em que a família morava era uma casa de taipa, e, quando foram morar nela, não tinha piso nem banheiro, e muito menos energia elétrica. No local, passava um rio perto. Logo, sempre que chovia corria o risco de entrar água, e, para quem não conhece, casa de taipa é uma espécie de construção feita de madeira com barro, mais ou menos como os índios faziam. Como o lugar era um bairro pobre e em formação, nem sempre a casa tinha banheiro, pois era muito caro o material, e as necessidades fisiológicas eram feitas num pinico e enterradas no quintal. Num belo dia, com umas economias o Sr. Fernando mandou construir um banheiro, mas não era dentro de casa, mas no final do quintal.

Sr. Marcelo tinha um sonho construir uma casa de tijolos pra sua mãe, Dona Nadir, e o primeiro salário que recebeu da fábrica de sorvetes comprou as pedras para fazer o alicerce da

nova casa. Certo dia, ao chegar em casa, viu Sr. Fernando com um cigarro aceso; isso o deixou muito triste.

Aos poucos, foi construindo a casa nova e essa tinha o banheiro dentro. Eram cinco filhos com o Sr. Marcelo, três mulheres e dois homens, que também começaram a trabalhar. Assim, as coisas foram melhorando aos poucos, mas aquele trabalho na fábrica de sorvetes estava de matar. Na época não existia informática, e se trabalhava com máquinas de escrever, tanto manual como a elétrica, mas para se trabalhar com elas tinha que fazer um curso de datilografia, em que se recebia até um certificado de conclusão, além de contar pontos positivos numa entrevista.

Sr. Marcelo, com muito sacrifício, pois trabalhava durante o dia e estudava a noite em um colégio do estado, decidiu se aprimorar. Como ao lado da escola existia um curso de datilografia com uma hora de aula por dia, se inscreveu no curso e, assim, conseguiu concluir.

Ele já estava pensando em pedir demissão do emprego da fábrica de sorvetes. Porém, certo dia o chefe perguntou:

— Marcelo você sabe datilografia e usar máquina de calcular?

Animado, ele respondeu:

Claro!

E o chefe disse:

— Então, a partir de amanhã você não trabalha mais na câmara e na expedição, vai trabalhar aqui dentro do escritório fazendo as planilhas de controle de estoques, e com um pequeno aumento de salário.

Uns meses antes Sr. Marcelo havia feito um concurso nos

correios, que na época da ditadura militar sobrava vagas. Ele havia sido aprovado, só não sabia ainda qual era a função ou cargo que iria ocupar, mas o salário era um pouco melhor que o da fábrica de sorvetes. Assim, pediu demissão e foi trabalhar nos correios: primeiro passou por um treinamento que era igual para todos, tanto para carteiro quanto para o auxiliar de serviços postais, que era o que ele mais desejava por se tratar de um trabalho interno e menos desgastante.

Ao concluir o treinamento, todos foram mandados para uma sala muito grande que ocupava todo o quarto andar do prédio, situado na Av. Guararapes, nº 250, no centro do Recife, onde ficava o Correios Central.

Esperou quase a manhã toda, com muita fome, pois saiu de casa sem café da manhã, porque nem sempre dava tempo.

De repente, entra na sala um senhor alto de cabelos grisalhos e bigode, que falou num tom formal:

— Bom dia para todos. Por favor, quem eu chamar o nome permaneça na sala. Já os que não forem chamados dirijam-se para o 7º andar e aguardem.

Sr. Marcelo não conseguia imaginar o que seria dali para frente, mas não demorou muito, e o homem falou:

— Parabéns a todos vocês, pois são os novos carteiros e irão começar amanhã. Formem uma fila para receber o fardamento e uma bolsa de lona de ótima qualidade que servirá para carregar as correspondências e os impressos para fazer a entrega aos devidos destinatários.

E Sr. Marcelo pensou, "pronto, me lasquei, mas agora não tinha mais jeito pois não podia ficar desempregado".

E passou a trabalhar diariamente. A única vantagem era

que o salário era um pouquinho maior que o da fábrica de sorvetes e o expediente não era o dia inteiro, podia largar quando encerrasse as entregas, e mais ou menos às 14h ia para casa ainda sem almoço, pois comida fora era muito caro.

Então, ele se dirigia até a estação de trem e depois ainda pegava um ônibus. Quando chegava em casa já era por volta de umas 15h30m, e estava lá o almoço pronto já no prato preparado por Dona Nadir: era um prato de alumínio fundo, onde cabia bastante comida, o feijão e a farinha eram indispensáveis, bem como arroz, legumes e algum tipo de proteína, pois carne de boi ou frango nem sempre tinha.

Quando acabava de almoçar era 16h30m, aproveitava para dar um cochilo e descansar um pouco até as 17h. Então, trocava de roupa e ia para a escola de datilografia, e, em seguida, para o colégio estadual onde cursava o científico, atualmente segundo grau.

Andava muito cansado, mas não podia deixar o emprego, pois tinha que ajudar em casa, dando o dinheiro da feira, uma semana, e também tinha a construção da casa em andamento.

Neste tempo, estava o país vivendo a Ditadura Militar e a pressão era grande, principalmente em alguns setores. O Correio era um deles, pois era lá que todas as correspondências eram transmitidas. Por isso, no 7º andar foi instalado um setor do SNI que iria monitorar e separar o que fosse suspeito, e, claro, de interesse da ditadura.

Foi ali que o bicho pegou! Em um certo dia, entrou no setor dos carteiros, que era todo o quarto andar, um senhor vestindo terno e gravata, que pediu atenção de todos. Então, falou:

— "A partir de hoje, os senhores carteiros, além de entregarem as correspondências, vão também fazer a manipulação de separação, e, caso encontrem alguma suspeita, a mesma deverá ser entregue na gerência".

Então, Sr. Marcelo pediu licença, e falou:

— Eu não vou fazer nada além do meu trabalho para o qual estou recebendo, vocês que contratem mais alguém pra fazer.

E então, o homem de terno perguntou:

— Como é seu nome? – e o Sr. Marcelo respondeu, dizendo o seu nome completo.

No dia seguinte, Sr. Marcelo recebeu uma CI "Comunicação Interna", em que estava escrito: "Conforme regulamento tal, lei tal, fica o Sr. suspenso por três dias e como também obrigado a responder e justificar a insubordinação que pode ser qualificado como ato subversivo".

Sr. Marcelo foi para casa preocupado, pois já tinha visto sair colegas da seção para o 7º andar, onde ficava o SNI, e não mais voltar ao trabalho. E ninguém saber ao certo onde estavam.

Chegando em casa, Sr. Marcelo contou a seu pai, Sr. Fernando, e este, já com receio de perder a renda do filho, disse:

— Você fala demais, podia ficar calado, porque um emprego federal feito o dos Correios não está fácil.

Sr. Marcelo respondeu:

— Pois não é isso que eu quero pra minha vida, vou pedir demissão.

E Sr. Fernando falou:

— Se o fizer não conte comigo pra nada.

Sr. Marcelo não deu mais nem uma palavra, e, no dia seguinte, fez sua justificativa junto com o pedido de demissão para os Correios. Quando Sr. Fernando soube ficou indignado e manteve silêncio, sendo indiferente para o filho.

Sr. Marcelo começou, então, sua jornada à procura de emprego: saiu de casa e foi morar em Olinda, na casa de uma tia, irmã da sua mãe, onde foi muito bem recebido.

Sr. Marcelo tinha uma personalidade muito forte e não mudava de opinião facilmente, sem que alguém tivesse um bom argumento pra lhe convencer. Não gostava de perder tempo e tudo que fazia era com confiança que ia dar certo: sua fé em Deus, o seu otimismo e força de vontade eram incomparáveis e admirados por todos que o conheciam. Para ele, o impossível não existia.

Recebeu o dinheiro da rescisão, que não foi muito, mas também tinha um pouco de economia e também o saldo do FGTS, o qual recebeu em 5 parcelas. Mesmo assim, continuou mandando o dinheiro que sempre deu para ajudar nas despesas da casa, e disse a sua tia, quando o recebeu, que também iria ajudar nas despesas. Mas ela disse que não era necessário.

Na procura por trabalho, encontrou vários anúncios nos classificados dos dois jornais de circulação, a maioria era de vendedor com salário mais comissões e sem experiência, fez várias entrevistas, comprou um terno em promoção e foi à luta.

Na época, havia dois programas de auditório de televisão: um era o J. SILVESTRE, com um tipo de carnê premiado o qual também tinha convênio para descontos em algumas lojas, que se chamava MONARTIS – Montépio Nacional dos Artistas; e o outro era o Baú da Felicidade, que existe até hoje.

Sr. Marcelo participou do treinamento e começou a vender. Logo atingiu a meta da empresa MONARTIS e foi promovido para supervisor. Mas, infelizmente, a empresa estava quebrada e não pagou o que era devido, nem a ele e nem aos outros.

Em um certo dia andando pela rua, encontrou o marido de uma tia, seu tio por afinidade e era contador de uma fábrica de colchões. Ele perguntou: "não queres trabalhar com contabilidade", e o Sr. Marcelo respondeu, "nunca trabalhei nem sei por onde começar", e ele respondeu "aprende, só quero ver sua letra", disse ele, e pediu para que escrevesse os algarismos de 1 ao 10. Quando Sr. Marcelo terminou, ele perguntou, "pode começar segunda feira?" E ele respondeu: "claro".

Este encontro foi numa sexta-feira, e o Sr. Marcelo, passou todo final de semana ansioso e treinando escrever números, que nem sequer sabia para quê! Chegou, então, a esperada segunda-feira 7h30m: Sr. Marcelo estava na frente do prédio onde funcionava a fábrica de colchões, esperando o Sr. Heitor, que era seu tio e contador daquela empresa, para que autorizasse sua entrada e explicasse o que iria fazer.

O relógio bateu 8 horas e o Sr. Heitor chegou e deu bom dia ao vigilante na portaria, olhou rapidamente para ele e disse para aguardar um pouco, e entrou. Sr. Heitor era um homem de estatura mais para pequena, usava um bigode bem aparado, barba bem feita e sempre roupa social, como camisa de mangas compridas, ensacadas e um cinto fino de couro, que combinava com os sapatos de pelica preto e bem engraxados. Era muito educado e de tratamento polido, pregava muita etiqueta. E era com esse homem que Sr. Marcelo ia trabalhar.

Mais ou menos às 9h o interfone da portaria tocou, o vigilante atendeu, olhou para o Sr. Marcelo e disse, "naquele corredor segunda porta à esquerda", enquanto lhe entregava um crachá com o nome VISITANTE. Sr. Marcelo pegou o crachá e colocou na camisa. Neste dia em particular, estava muito bem vestido, pois diariamente, sem novidades, não se vestia muito bem.

E pensou: "seja o que Deus quiser". Ao chegar, Sr. Heitor pediu que o acompanhasse e o levou até a sala da gerência e o apresentou, dizendo: "Sr. Carlos. este é o rapaz que lhe falei; começa hoje para fazer as planilhas de lançamento, pois precisamos atualizar", e ele disse: "muito prazer e boa sorte, vamos trabalhar".

Na sala do Sr. Heitor ficavam mais quatro colaboradores, os quais lhe foram apresentados pelo Sr. Heitor: "este é o João, encarregado da Carteira Fiscal; este é o Vanderlei, analista contábil; esta é a Jaciara, encarregada de contas a pagar e a receber; e este é o Paulo, mecanógrafo". Para quem não foi dessa época e não sabe o que é mecanografia, pois bem, era uma máquina parecida com datilografia com a diferença que tinha os teclados de máquina de calcular e de escrever, para fazer somas e subtração automaticamente. Como não se tinha computador para se fazer a contabilidade, ou a atividade era manual escriturada num livro caixa e no livro diário, ou era mecanizada. Na época, estava se implantando a informática, daí a necessidade de uma pessoa para fazer as planilhas de lançamentos, com colunas de DÉBITO| CRÉDITO| VALOR| HISTÓRICO, que, depois de preenchidas, eram enviadas para a Matriz, em São Paulo, onde ficava o CPD.

O trabalho do Sr. Marcelo era basicamente copiar as contas de Débito e de Crédito que já vinham impressas nos documentos de pagamento e recebimento, que eram colocados por D. Jaciara, que também era a pessoa encarregada do TELEX, máquina composta por um aparelho de telefone do tipo convencional e teclados parecidos com os do computador de hoje. Esta máquina fazia a comunicação a distância.

O trabalho estava indo bem, mas o Sr. Marcelo não se conformava de ser um mero copiador. Então, fez amizade com a Dona Jaciara para aprender classificar. Ao mesmo tempo se inscreveu em um curso no SENAC, o qual seu conteúdo era classificação e escrituração contábil.

Certo dia, Dona Jaciara adoeceu e o trabalho de classificação que fazia ficou acumulado, então, Sr. Heitor chamou Sr. Marcelo e disse: "quando tiver um tempinho, vou lhe explicar o trabalho de Dona Jaciara". No dia seguinte, o Sr. Marcelo chegou mais cedo e realizou uma grande parte. Quando o Sr. Heitor chegou, ele disse: "por favor, dê uma conferida no que fiz de Dona Jaciara e me diga se tem algo errado". Ele respondeu: "rapaz eu não lhe falei que ia explicar tudo ainda?", e o Sr. Marcelo falou "vi o Sr. tão ocupado, só queria ajudar, mas parece que o Sr. Heitor não gostou". No dia seguinte o Sr. Heitor chamou o Sr. Marcelo e disse "muito bem, o trabalho de Dona Jaciara que você fez está todo correto, pode continuar e já vá mandando para o CPD, em São Paulo".

O Sr. Marcelo passou o dia muito satisfeito e até sonhando com um aumento de salário, o que era justo, e os dias foram se passando dentro da normalidade, um mês, dois, três e nada de aumento, resolveu, então, falar com o Sr. Heitor a

respeito, e falou. O Sr. Heitor disse "estou esperando uma oportunidade para falar com o Sr. Carlos, sabes como as coisas estão difíceis".

Passaram-se seis meses, Dona Jaciara pediu demissão para tratamento de saúde, e Sr. Marcelo ficou definitivamente fazendo o trabalho dele e o dela. Em um certo dia, ao chegar na empresa, o Sr. Marcelo encontrou o Sr. Carlos sozinho em sua sala lendo os jornais do dia, e pensou, "não terei uma oportunidade melhor do que essa". E o cumprimentou, dizendo, "bom dia, Sr. Carlos, posso dar uma palavrinha com o senhor?". Ele respondeu, "claro Marcelo entre e sente, por favor". Então ele entrou, se acomodou, respirou fundo e disse: "Sr. Carlos, o senhor sabe que atualmente estou fazendo o meu trabalho e o de Dona Jaciara, que pediu demissão?". "Não, eu não sabia", "então", disse Sr. Marcelo, "pois é, tem dia que saio daqui mais de 20h. Mas não estou me queixando, apenas gostaria que revisse meu salário, e, se for possível, me dar um aumento, pequeno que seja, já ajuda".

Quando o Sr. Heitor, chegou foi até a sala do Sr. Carlos para tratar de assuntos da empresa, pois a inflação na época estava beirando os 45% ao mês, a fábrica tinha uma boa equipe de vendas e vendia bem, mas a inflação estava comendo todo o lucro, sem contar que parte da matéria-prima era importada e se pagava em dólar americano.

— Bom dia, Sr. Carlos – disse o Sr. Heitor, com sua elegância sutil.

— Bom dia, Heitor. Aqui se passa muita coisa que só fico sabendo depois, não gostaria que fosse assim.

— É, Sr. Carlos? O que houve?



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2021